



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A ESCRITA DE RELATOS AO ALÉM PELOS MONGES DE ALCOBAÇA: O CASO DA *VISÃO DE TÚNDALO*

Adriana Maria de Souza Zierer*

Os monges tiveram grande importância na elaboração de relatos tratando das relações entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Voltando a sua vida para as orações e ao louvor a Deus, os monges eram considerados os mais próximos dos anjos na sociedade medieval (DUBY, 1982), por dedicarem a sua ação diária para a contemplação e louvor à divindade, atividade que também é uma característica dos eleitos no Paraíso, segundo os relatos da época.

Desde o século IX, a regra de S. Bento, criada no século VI, se tornou a principal utilizada nos mosteiros no Ocidente, sendo o seu principal preceito “*orat e laborat*”. Os monges deveriam dividir o ano em leituras da *Bíblia*, orações e ofícios religiosos, além de prestarem severa obediência ao abade. Embora o casamento tenha se tornado obrigatório ao clero somente no século XI, a partir da Reforma Gregoriana, os monges (palavra que é oriunda de *monakos*, solitário) sempre foram celibatários, buscando por princípio a frugalidade e o afastamento dos bens materiais e de aspectos carnisais.

* Doutora em História Medieval. Professora Adjunta de História na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e colaboradora do Mestrado em História Social na UFMA. É uma das coordenadoras dos laboratórios de pesquisa **Brathair – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos e Mnemosyne – Laboratório de História Antiga e Medieval.**

Procuraram criar os seus mosteiros em locais afastados, razão pela qual foram muitas vezes responsáveis pela conversão dos camponeses no Ocidente Medieval. Inspirada no ideal de S. Bento surgiu inicialmente a Ordem de Cluny (século X), que foi responsável, entre outros aspectos, pela criação do Dia de Todos os Santos e depois de Finados. A partir deles se acreditou que as orações dos vivos poderiam influenciar a salvação dos mortos, contribuindo com criação da ideia de Purgatório, onde o tempo de purgação era influenciado pelas missas que os vivos mandavam rezar em memória dos mortos. Outra ordem importante foi a de Cister, fundada no final do século XI. Esses últimos aceitavam os irmãos conversos (leigos) que se dedicavam ao trabalho manual.

Os monges foram responsáveis pela difusão de historietas curtas, os *exempla* com a função de converter populações através de uma lição moral. Schmitt (1999) aponta aparições dos mortos que lembravam aos vivos de ações que deveriam fazer e de doações feitas aos mosteiros que deveriam ser garantidas pelos vivos.

Uma das formas de se buscar que o monge se afastasse da vida mundana era que seguisse o silêncio e procurasse falar o mínimo possível para que desenvolvesse a espiritualidade, comunicando-se interiormente com Deus. Por isso foi criado todo um código de sinais nos mosteiros, buscando manter o silêncio e um dos pecados considerados graves a partir do século XIV é o pecado das “más línguas”, retratado em escritos como o *Livro das Confissões*, do teólogo castelhano Martim Perez (MACEDO, 2003, p. 150).

Os cistercienses em Portugal tiveram grande importância na tradução e elaboração de uma grande quantidade de obras literárias no Mosteiro de Alcobaça, com 500 códices produzidos entre os séculos XIII e XV (SARAIVA, 1988, p. 107). Além de produzir códices latinos, que deveriam ser lidos pelos monges, também traduziram várias obras do latim ao português. Essas obras tiveram circulação através da oralidade, como é o caso da *Visão de Túndalo* que foi transmitida aos leigos.

Este trabalho analisa uma viagem imaginária composta em gaélico ou latim por um monge cisterciense anônimo no século XII. Tudo o que sabemos sobre ele é que se chamava Marcus e que o relato foi composto para a abadessa de Regensberg, G. (Gisela). A obra conta que um cavaleiro pecador sente-se mal e fica quase como morto, momento no qual um anjo lhe aparece e o leva para realizar uma peregrinação pelos

espaços do Além Túmulo. O corpo não é enterrado devido a um calor ainda no seu peito. Ao acordar no terceiro dia, após a sua viagem espiritual, o nobre volta transformado, se arrepende das antigas faltas e torna-se um bom cristão. Passa a frequentar missas e doa os seus bens à Igreja para auxílio dos pobres. Podemos notar uma clara analogia entre o renascimento de Túndalo como cristão ideal e o de Cristo que ressuscita após o terceiro dia da Crucificação.

A obra teve enorme sucesso, tendo sido traduzida para diversos idiomas entre os séculos XII a XV (francês, inglês, espanhol, alemão, catalão, português, entre outras). A passagem de Túndalo de pecador a bom cristão, bem como as vívidas descrições das torturas nos locais infernais, contribuíram com o processo de evangelização e conversão dos medievos.

Em Portugal foram realizadas duas traduções da *Visão de Túndalo* por monges do mosteiro de Alcobaça. A primeira é referente ao códice 244, que atualmente está na Biblioteca Nacional de Lisboa. Foi traduzida por frei Zacarias de Payopelle e das duas versões é a mais detalhada. A outra é o códice 266, realizado pelo Frei Hilário de Lourinha e está na Torre do Tombo. Não sabemos informações sobre os dois monges ou se eles se conheciam. As traduções foram realizadas no século XV.

Um aspecto muito claro na obra é a sua oralidade, sendo a obra repleta dos chamados “índices de oralidade” (ZUMTHOR, 1993), através de várias expressões relacionadas a sons, tanto no Inferno quanto no Paraíso, através de verbos como contar, ouvir, dizer, entre outros. Durante todo o percurso ocorre um diálogo entre Túndalo e o anjo no qual o primeiro quer saber por que motivo os condenados sofrem determinada pena e por qual o pecado que cometeram. Outro elemento é a abundância de impressões sensoriais como forma a aproximar o relato do ouvinte.

A preocupação com o destino das almas

Este estudo se preocupa com o imaginário medieval, definido por Schmitt como a relação dos homens entre si, com Deus e com o invisível. O medievo se via como um *homo viator*, sendo o mundo terreno visto como um local de passagem para a salvação na outra vida. A preocupação com o destino das almas no pensamento judaico

cristão é antigo, tendo sido compostos relatos sobre o Além desde o século I. No *Livro de Esdras* (s. II), por exemplo, Esdras vê uma cidade num vale cheia de coisas; os maus serão castigados de sete maneiras diferentes e os justos repousam de sete maneiras (DELUMEAU, 1994, p. 35-36).

Inicialmente no Cristianismo havia dois espaços, o Inferno e o Paraíso. Os bons mortos descansariam à espera do derradeiro julgamento (Juízo Final) num local intermediário, denominado como o Seio de Abraão. Mais tarde, entre meados do século XII e o século XIII foi elaborado pela Igreja o conceito de um local de passagem, o Purgatório, onde seriam purgados alguns pecados, tidos como leves (veniais), depois disso todos os crentes que tivessem se arrependido dos pecados antes da morte, teriam a esperança de salvação na Parusia, a segunda vinda de Cristo. Segundo Baschet, dos séculos XII ao XV, o sistema do Além se tornou mais complexo, com cinco lugares, a saber, Paraíso, Inferno, Purgatório, Limbo das Crianças e o Limbo dos Patriarcas (BASCHET, 2006, p. 394-408).

As versões do relato *Visão de Túndalo* produzidas no século XII falam somente do Inferno, dividido em Superior e Inferior, e do Paraíso. Já as do século XV mencionam o termo “Purgatório”. No caso das traduções portuguesas este termo é explícito no códice 244 e implícito no 266.

Sobre os espaços do Além, podemos dizer que o Paraíso Celeste, possui vários elementos do Paraíso Terrestre (Éden), tais como a fonte da água da vida, vegetação abundante, frutos, mas possui como uma diferença fundamental o fato de ser representado como uma cidade com muros, tal como é descrito no *Apocalipse de S. João*. Por este motivo, o espaço do Paraíso é retratado na *Visão de Túndalo* como dividido em três muros, o de Prata, Ouro e Pedras Preciosas, segundo o merecimento dos eleitos.

Já o Inferno é o local de danação para onde vão aqueles que não se arreponderam de suas faltas antes da morte e que cometeram pecados mortais. Estes últimos serão punidos eternamente no fogo, elemento de purificação. Lá é a morada de Lúcifer e de outros demônios que torturam os pecadores. Muitas vezes é representado por um monstro que devora as pessoas, o Leviatã, conforme citado na *Bíblia*.

A conversão do cavaleiro pecador

Um dos elementos mais importantes da *Visio* é o seu profundo aspecto pedagógico, que fica bem claro no trecho a seguir:

Começase a Estoria dhuun Caualeyro a que chamauan **Tungulu** ao qual foron mostradas uisibilmente [...] todas as penas do inferno e do purgatorio. E outrosi todos os beens e glorias que ha no sancto parayso. [...] **Esto lhe foi demonstrado por tal que se ouuesse de correger e emmendar dos seos peccados e de suas maldades.**” (VT, 1895, p. 101).

Através da experiência do cavaleiro, que seria ouvida por outras pessoas, muitos cristãos que não estavam seguindo os preceitos indicados pelos clérigos, mudariam como ele, de comportamento e se tornariam bons cristãos.

Um aspecto interessante é observar as palavras que aparecem logo nas primeiras páginas do manuscrito: penas, inferno, demônio, tormentos, trevas, fogo, anjo, luz, Deus, almas, temor, açoites. Deste modo, fica bastante clara a oposição entre o bem e o mal, através de vocábulos associados a Deus (anjo, luz) e outros associados ao Diabo (penas, inferno, fogo, açoites), com o objetivo de doutrinação da sociedade (ZIERER, 2009, p. 298).

Após sair involuntariamente de seu corpo, Túndalo é cercado por demônios, que que enchiam ruas e praças. Eles desejam levar a sua alma e apontam-lhe seus pecados:

Hora **dize** porque nõ es agora **sobrevosa** como soyas. Ou porque nõ fazes discórdias. Ou porque nõ **fornigas**. Ou porque õ levãtas **pellejas** como soyas. Hu som os teus **devaeos**. E a tua **vãã gloria** hu he. O teu **comer e o eu beber** que tu avias de que **davas muy pouco aos pobres**. Hu som as tuas locuras que tu fazias. Todo já he passado e tu penarás por ello.” (VT, 1982/83, p. 39)

Esses pecados estão associados aos sete pecados capitais, como a soberba, através da vã glória, as discórdias e pelejas (associado à ira e à inveja), o comer e beber (pecado da gula), o fato de dar poucas esmolas aos pobres (avareza) e a fornicção (luxúria) (ZIERER, 2010, p. 17).

Os demônios, ao apontar os pecados à alma são os iniciadores de um processo de reeducação que Túndalo empreende ao longo de sua viagem imaginária. Logo a seguir, o anjo, banhado de luz e que se caracteriza o anjo de guarda do cavaleiro (segundo o relato o anjo estava com ele desde o dia que nasceu), aparece e afasta os demônios, que se revoltam, afirmando que a alma lhes pertencia. Mas não possuem poder frente ao ente celeste, que leva o cavaleiro consigo. A jornada é iniciada, inicialmente em direção ao interior da terra, para baixo, onde estão localizados o Purgatório e o Inferno.

Apesar de haver a delimitação dos espaços do Além no códice 244, divididos em Purgatório, Inferno e Paraíso, percebemos a dificuldade de localização desse terceiro espaço, pois há almas sofrendo castigos no Purgatório e Inferno, sem que pareça haver grandes diferenças entre os dois locais, ambos parecendo-se com o Inferno propriamente dito (ZIERER; MESSIAS, 2011, p. 80).

De qualquer forma ao passar pelos ambientes do Antigo Inferno Superior, o Purgatório das nossas versões, o anjo afirma que aqueles que estavam ali “esperam salvação” (VT, 1895, p. 109; VT, 1982/83, p. 44), o que mostra que depois de mitigarem as suas faltas, iriam ao Paraíso.

Uma das inovações da *Visão de Túndalo* em relação a outros relatos é o fato de que pela primeira vez, numa viagem imaginária, o viajante sofre as torturas do Além, o que contribui para o seu processo educativo. Neste sentido, ele sofre as torturas dos ladrões, orgulhosos, avaros e luxuriosos. Dentre as que nos chamam mais atenção é a pena dos ladrões, na qual ele é obrigado a passar por uma ponte com pregos, carregando uma vaca que havia furtado de seu vizinho. No meio do caminho encontra outro caminhante vindo em sentido oposto, carregando um feixe de trigo. Nenhum dos dois pode continuar a travessia e tinham medo do monstro que estava debaixo da ponte pronto para devorá-los. O anjo o salva deste tormento e embora Túndalo reclame da dor nos pés, o anjo afirma que devem prosseguir a jornada, uma vez que antes seus pés eram ligeiros para fazer coisas ligadas a vaidades do mundo (ZIERER; MESSIAS, 2011, p. 77-78).

Outra punição emblemática é a reservada aos luxuriosos, na qual eram devorados por uma besta, tanto homens quanto mulheres. Depois eram expelidos pela

besta e engravidavam, tanto homens quanto mulheres de serem que pariam por todas as partes do corpo e que os mordiam até os ossos (ZIERER, 2003, p. 152)

Inicialmente, a alma questiona a misericórdia divina. O anjo lhe explica que todas as recompensas e castigos ocorrem devido as ações realizadas durante a terra. Pode-se notar a importância do livre arbítrio na salvação, pois cada indivíduo, segundo o pensamento cristão obteria graças ou tormentos de acordo com a sua conduta na terra.

Além disso, destaco o impulso ao individualismo a partir do século XII e especialmente do século XIII, quando, a partir do Concílio de Latrão, todo o cristão deveria se confessar pelo menos uma vez por ano. Daí o exemplo de Túndalo que de mau cristão vai se convencendo, ao longo de sua viagem imaginária, dos argumentos do anjo. Contribui também para essa consciência o sofrimento enfrentado pelo cavaleiro devido às faltas cometidas.

Depois de um primeiro estágio nos espaços de purgação, Túndalo e o anjo descem mais ao fundo da terra onde encontram a figura de Lúcifer, que esmagava as almas entre os seus dedos e as jogava para diversas partes do Inferno. Este local é caracterizado pelo escuro, por montanhas, gemidos e dor dos condenados. Ali o cavaleiro encontra vários de seus parentes e amigos.

Um dos aspectos a ser salientado é a influência desse manuscrito na construção de imagens visuais no final da Idade Média. Neste sentido, as descrições do Inferno e Paraíso contidas na *Visio* encontram eco na obra de vários artistas como, por exemplo, Bosch, que apresenta várias torturas inspiradas naquele relato, e tem como um de seus quadros intitulado *Tondal's vision* (c. 1450-1516, Museu Lázaro Galdiano, Madrid). Diversas outras imagens sobre o Inferno, Paraíso e Juízo Final realizadas no final da Idade Média confirmam a geografia simbólica da *Visio* e parece terem de alguma forma sido influenciadas por ela.

A visão do Inferno foi retratada pelos irmãos Limbourg no século XV que o retrataram no *Livro de Horas do Duque de Berry*, o que mostra a importância da *Visão de Túndalo*, conforme pode ser observado na iluminura a seguir:

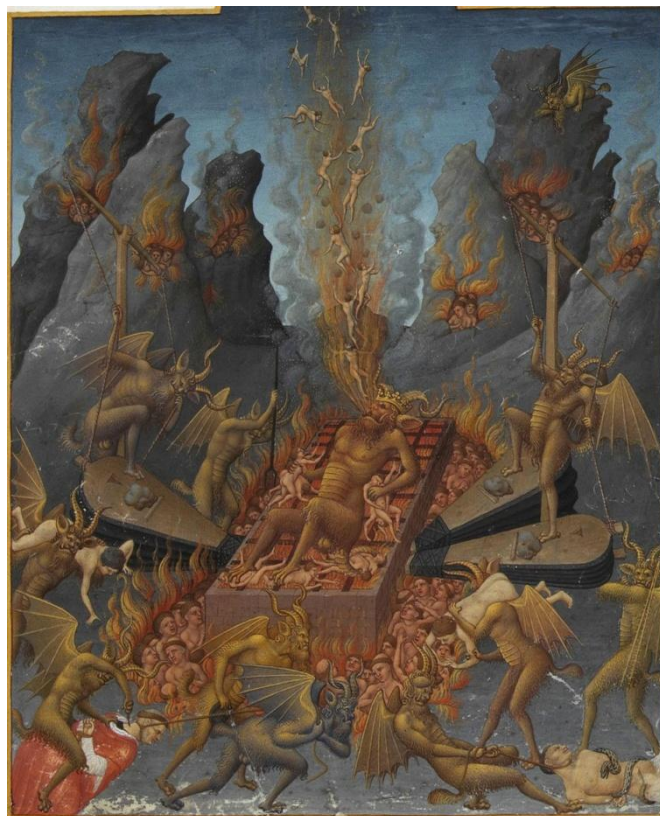


Figura 1. **Inferno.** *Les Tres Riches Heures du Duc de Berry* (Livro de Horas do Duque de Berry), 1415. Musée Condé (ms. 65/1284, fol. 108r), Chantilly.

As imagens visuais eram formas de os fieis atingirem a Deus, fazendo com que atingissem o invisível, tendo funções devocionais, rituais e políticas (SCHMITT, 2006, p. 600-601). As imagens medievais segundo Baschet, longe de serem a “Bíblia dos iletrados” tinham as funções de ensinar, recordar e comover (BASCHET, 1996, p. 2). É importante segundo o autor buscar compreender as várias funções da imagem, daí a proposição da terminologia imagem-objeto pelo autor.

De acordo com Schmitt a imagem tem grande importância na sociedade O conceito de imagem (do latim *imago*) está ligado aos objetos figurados (pinturas, esculturas, miniaturas, entre outros), às imagens da linguagem (metáforas e alegorias das obras literárias e da pregação) e às imagens mentais (relacionadas aos sonhos e visões) (SCHMITT, 2006, p. 593).

A imagem no medievo pode estar associada ao texto, mas não é nunca um texto a ser lido e tem uma dinâmica própria. Ela não é a mera reprodução do texto e representa algo que vai além do que é visto. A imagem é muitas vezes colocada em

locais onde, pela sua altura, posição, localização pouco poderia ser vista e mesmo assim era confeccionada, o que mostra que possuía várias funções (SCHMITT, 2006, p. 600).

No caso da iluminura dos irmãos Limbourg, ela parece concordar com vários elementos apresentados na *Visio*. A figura de Lúcifer no relato *Visão de Túndalo* estava ligada não só como aquele que aplicava os castigos às almas, mas ele também sofria os castigos uma vez que jazia sob a grelha de ferro. Na imagem podemos observar uma riqueza de elementos na medida em que o fogo é constantemente reavivado pelos demônios.

A *visio* afirma que ele é “negro como carvão” (VT 1895, p. 110), o que também se confirma na pintura. Lúcifer é retratado pelos irmãos Limbourg de forma animalesca e, por ser o Príncipe das Trevas, porta uma coroa em sua cabeça.

Os demônios que o atormentam igualmente possuem aspecto animal, como descrito por autores como Russel, Nogueira e Baschet em relação a essas criaturas. Apresentam na figura 1 asas de morcego, rabo e outros aspectos bestiais. Outro elemento característico da iconografia do Inferno é a sua escuridão, caracterizada por tons escuros e avermelhados, por montanhas e pelo fogo (ZIERER; OLIVEIRA, 2010, p. 56). Outro aspecto que se destaca na imagem é o fato de os eclesiásticos (o que se vê através da tonsura em suas cabeças) estarem sofrendo no Inferno, sendo arrastados por diabos, o que não vemos descrito no Inferno nas versões portuguesas do manuscrito.

Logo a seguir, Túndalo e o anjo deixam o Inferno e se dirigem para cima, em direção à luz e aos recantos celestes. Passam inicialmente por um lugar onde as pessoas ainda sofrem algumas torturas (pré-Paraíso) e depois chegam ao Paraíso propriamente dito, dividido nos Muros de Ouro, Prata e Pedras Preciosas. Essa divisão segue a hierarquia do profeta Ezequiel, seguida por Gregório Magno que dividiu os cristãos em virgens, continentes e casados (ZIERER, 2003, p. 156).

Os elementos do Paraíso estão relacionados com o jardim edênico marcado pela fonte da vida eterna, a árvore da vida, instrumentos musicais. A paisagem é florida, predomina a alegria, o colorido, fragrâncias agradáveis e os louvores ao Criador.

Os muros do Paraíso são bem delimitados no códice 244 da versão portuguesa, em que Túndalo ao entrar é apresentado com todas as características e a origem das

peessoas que tiverem o privilégio de ocupá-los. Porém no códice 266 os espaços aparecem de forma confusa, dificultando a identificação de cada muro. No Muro de Prata se encontram aqueles bons casados que não cometeram o adultério e foram bons cristãos.

O segundo lugar do Paraíso é o Muro de Ouro, que tem a presença de uma árvore, representando a Igreja Católica e seu papel como instituição no Paraíso, local dos monges. Aqui temos outra vez presença de bela sonoridade, mas superior a do muro anterior. A alma escuta cantos “formosos e saborosos” e instrumentos de órgãos, violas, alaúdes, entre outros (VT, 1895, p. 116). A harmonia é tamanha que os habitantes cantam sem mover as bocas e os instrumentos soam sem serem tocados (VT, 1895, p. 117).

O último muro é o Muro de Pedras Preciosas, dedicado a santos como S. Patrício, um santo irlandês, nacionalidade também do elaborador da *Visio*, o monge Marcus. Ali há também a presença de virgens e das nove ordens de anjos. Neste local a alegria é ainda maior que nos muros anteriores, bem como a beleza do local. Num determinado momento o cavaleiro não tem palavras para descrever tal espaço e o relato apresenta para aquele lugar um trecho da Bíblia: “**viram** coisas que o **olho** não viu, nem **orelha ouviu**, nem coração de homem cuidou nem pensou. [...]” (VT, 1895, p. 119). A citação é retirada da Bíblia (I Co 2, 9). Túndalo ainda “**ouiuo** palauras muy maravilhosas. e muy sanctas. per tal guisa que non conuen a nenhuun homen de as **dizer** [...]” (VT, 1895, p. 118), mostrando que os prazeres do Paraíso são tão maravilhosos que são impossíveis de ser expressos com palavras (ZIERER, 2010, p. 20).

Depois de sua experiência neste local Túndalo retorna ao corpo, passa a ser bom cristão e conta o seu relato aos demais, como já foi referido antes.

Conclusão

Os elementos que chamaram mais a nossa atenção são o uso dos órgãos dos sentidos para presentificar os elementos da *Visio* a quem estava ouvindo, com ênfase principalmente nos órgãos dos sentidos. O fato de o relato ser muitas vezes ouvido acentua as características de oralidade da fonte, e percebemos principalmente a ênfase

especialmente na visão e audição, apesar de os outros órgãos dos sentidos também serem contemplados.

Sobre a experiência do cavaleiro é possível afirmar que passou por cinco fases: 1- um pecador é escolhido para conhecer as dores do Inferno e glórias do Paraíso através de uma viagem terrestre, acompanhado por um guia divino, o anjo; 2- ele enfrenta dificuldades e sofrimentos num primeiro momento; 3-depois experimenta as alegrias divinas; 4- num último momento, retorna ao mundo terreno regenerado. 5- Através desta trajetória, ele se arrepende dos seus pecados e **conta** o que viu no Além-túmulo aos outros, possibilitando assim não somente a sua salvação, mas a de vários outros cristãos, através do seu exemplo (ZIERER, 2010, p. 20-21).

Desta maneira podemos observar que a *Visão de Túndalo*, composta no século XII, traduzida e difundida em Portugal no século XV pelos religiosos de Alcobaça continuou a ter um papel importante na evangelização dos cristãos. A ação dos clérigos ao escrever o relato auxiliava os *oratores* a conhecer este relato que depois era transmitido oralmente aos fiéis com o objetivo que todos pudessem alcançar a bem aventurança divina.

11

Referências Bibliográficas

FONTES

Visão de Túndalo. Ed. de F.H. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p.97-120.
Visão de Túndalo. Ed. de Patrícia Villaverde. **Revista Lusitana**, n. s., 4, 1982-1983, p. 38-52.

ESTUDOS

BASCHET, Jérôme. **A Civilização feudal**. São Paulo: Globo, 2006.

BASCHET, Jérôme. Introdução: a imagem-objeto. In: SCHMITT, Jean-Claude et; BASCHET, Jérôme. **L' image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval**. Tradução de Maria Cristina C. L. Pereira. Paris: Le Léopard d'Or, 1996. p. 7-26. Disponível em: <http://www.pem.ifcs.ufrj.br/Imagem.pdf>. Acesso em: 15 Mar. 03 2012.

DUBY, Georges. **As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1982.

DELUMEAU, Jean. **O que Sobrou do Paraíso?** São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Estampa, 1995.

LE GOFF, Jaques. Além. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Coord.) **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2006. p. 21-34. V. I.

MACEDO, José Rivair. Disciplina do Silêncio e Comunicação Gestual: os *signa loquendi* de Alcobaça. **Signum**. São Paulo: ABREM/FAPESP, 2003, v. 5, p. 133-167.

SCHMITT, Jean-Claude. Imagem. In: Le Goff, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord.) **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2006. p. 591-605. v. 1

SARAIVA, António José. **Crepúsculo da Idade Média em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 1988.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

ZIERER, A.M.S; MESSIAS, B.T. Os Monges e as Viagens Imaginárias ao Além: a *Visão de Túndalo*. **Brathair**, 2011, v.11 (2), p. 70-84. Disponível em: www.brathair.com acesso em 20/05/2012.

ZIERER, Adriana M. S. Oralidade, Ensino e Imagens na *Visão de Túndalo*. In: **Domínios da Imagem (UEL)**, Londrina, ano III, v. 6, 2010, p.7-22. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/83/50> Acesso em 30/03/2012.

ZIERER, Adriana. “Aspectos Educacionais da Salvação Cristã na *Visão de Túndalo*”. In: OLIVEIRA, Terezinha e VISALLI, Angelita M. **Pesquisas em Antigüidade e Idade Média: Olhares Interdisciplinares**. São Luís: Ed. UEMA, 2007, p. 293-308.

ZIERER, A. M. S.; OLIVEIRA, Solange P. Diabo Versus Salvação na Visão de Túndalo. **Opsis (UFG)**, 2010, v.10, p. 43-58.

ZIERER, Adriana. “Paráiso *versus* Inferno: A *Visão de Túndalo* e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (Século XII)”. In: *Mirabilia 2*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio/J.W. Goethe-Universität Frankfurt/Universitat Autònoma de Barcelona, v.2, 2003, p. 137-162.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz. A “Literatura” Medieval**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.